

Anotações sobre "Mito e Realidade", de Mircea Eliade

Eduardo Ramos

Estrutura dos Mitos

Histórias se dividem em diferentes tipos. Podemos ter histórias:

- Verdadeiras (sagradas)
 - Fábulas: histórias sobre animais ou materiais separados/independentes do homem;
 - Mitos: histórias diretamente relacionadas com o homem (origem, etc.), com realizações de "Entes Sobrenaturais" que criaram o mundo no primórdio;
- Falsas (profanas)
 - Não-edificantes

Mitos e fábulas podem se entrosar.

Mitos e tradições ritualísticas

- Não são meramente "comemorações";
- Têm a ideia reviver e atualizar o mito, sair do tempo profano, mundano e cronológico e ir ao Tempo primordial e mítico onde o evento aconteceu pela primeira vez;
 - Isso é uma diferença importante entre celebração de feriados nacionais e "viver" o ritual;
- Não se realiza um ritual sem saber a "origem" (as histórias verdadeiras míticas) do ritual.

Um bom exemplo do último tópico é o arroz: a partir de um mito sobre arrozais, homens não-sacerdotes recitam os mitos de origem a fim de repeti-los para ter o melhor arroz possível. Numa visão puramente científica, isso seria o equivalente a fazer um cultivo bem feito/correto, mas o mundo ritualístico não é científico e sim narrativo.

Conceitos que eventualmente aparecerão:

Cosmogonia: teoria de formação do universo;

Escatologia: teoria de final do universo;

Quiliasmo: ideia de que predestinados, depois de um Juízo Final, gozariam do bom e melhor por um milênio na terra;

Milenarismo: credo de que uma mudança fundamental acontece depois de um evento cataclísmico;

Anamnesis: lembrança de uma suposta existência passada;

Liturgia: conjunto de práticas religiosas;

Epígono: discípulo de um grande mestre;

Prestígio Mágico das Origens

“(...) o mito cosmogônico se presta a múltiplas aplicações, entre as quais a cura, a criação poética, a introdução da criança na sociedade e na cultura, etc.”

Mitos de origem assumem a existência de mitos cosmogônicos e são derivados deles. Um bom exemplo são árvores genealógicas da mitologia grega, que começaram com Urano, e eventualmente os mitos de origem e fábulas que derivam de personagens de suas genealogias.

Os mitos de origem são repetidos e vividos em ocasiões especiais, com recapitulação de mitos cosmogônicos sendo feitas em momentos importantes (exemplos indianos e polinésios).

Cantos terapêuticos buscam da cosmogonia em seus rituais, sendo um exemplo específico dado no livro o de uma tribo chinesa chamada Na-Khi recitando o começo de tudo, surgimentos de Nâgas e Garudas (Nâgas coexistindo com homens, mas eventualmente criando uma rixa e espalhando pelo mundo doenças, esterilidade, podendo até roubar almas de homens, e Garudas sendo a criatura mística que inicialmente dizimou Nâgas). O poder do mito também se dá no fato de que não se recita ele sem conhecer profundamente a história por trás: “Se não se conta a origem de Garuda, não se deve falar nele.” Essa ideia é comum em mitos de origem. Como Eliade diz: “se não se consta a origem do medicamento, não se deve utilizá-lo.”

Um outro exemplo de retorno aos mitos de origens em remédios e bebidas curadoras (nos quais frequentemente a ideia de “recriação” é bem explícita) de outros povos é dado. “A eficácia terapêutica do encantamento reside no fato de que, quando pronunciado ritualmente, ele reatualiza o tempo mítico da ‘origem’, tanto da origem do mundo quanto da origem da dor de dentes e seu tratamento.”

O doente recomeça a vida, daí a cosmogonia, e existe uma esperança de renascimento. A vida não é reparada, mas recriada ¹.

Toda forma de mito de criação (procriação, situação de guerra, equilíbrio mental) é derivada de mitos cosmogônicos.

O homem tradicional vê, sob a visão do mito, aquilo em comum em diversos tipos de situação e extrai uma narrativa para explicar isso, uma narrativa arquetípica que não pode ser reduzida, e é aplicável a diferentes situações.

¹O renascimento acontece após o abandono daquilo que não funciona, daquilo que deve ser jogado fora. Isso é até uma ideia bíblica, desde o começo com a esposa de Ló se tornando um pilar de sal por se recusar a abandonar aquilo que deve ser abandonado, quanto com Cristo dizendo ao homem rico que ele deve abandonar suas riquezas para buscar a felicidade

“A cosmogonia é o modelo exemplar de todos tipos de ‘atos’: não só porque o Cosmo é o arquétipo ideal de toda situação criadora e de toda criação — mas também porque o Cosmo é uma obra divina, sendo, portanto, santificado em sua própria estrutura. Por extensão, tudo o que é perfeito, ‘pleno’, harmonioso, fértil, em suma: tudo o que é ‘cosmicizado’, tudo o que se assemelha a um Cosmo, é sagrado. Fazer bem alguma coisa, trabalhar, construir, criar, estruturar, dar forma, in-formar, formar — tudo isso equivale a trazer algo à existência, dar-lhe ‘vida’ e, em última instância, fazê-la assemelhar-se ao organismo harmonioso por excelência, o Cosmo. Ora, o Cosmo, repetimos, é a obra exemplar dos Deuses, é sua obra-prima.”

Mitos de origem podem ser sequenciais ², que vão completando e prolongando os cosmogônicos em uma cadeia de histórias que seguem alguma forma de cronologia. O contrário não pode acontecer, porque os mitos cosmogônicos são os modelos para as “criações” dos mitos de origem.

Mitos e Ritos de Renovação

Rituais de renovação enquanto era: o começo de uma nova era marcada geralmente por uma celebração do líder político. Exemplos:

- Egito:
 - “[inimigos do faraó] serão iguais à serpente Apófis ao alvorecer do Ano Novo” (Apófis é a serpente das trevas destruídas por Rá ao alvorecer)
 - “A serpente é derrotada a cada nascer do sol, mas o Ano Novo celebra a criação e a renovação diurna” (processo análogo à coroação do faraó)
- Fidji: um processo também paralelo ao processo de maturação de colheitas

Rei líder é visto como o renovador do Cosmo e sua coroação sempre acontece no começo de um ciclo temporal, Ano Novo, junto com o recomeço da criação. A renovação tem paralelos com a criação por ser criação de um novo Período/Era. A Entronização de um rei é uma reiteração da cosmogonia.

Distinção entre os “Mundos” de cada civilização: o mundo (sem letra maiúscula) de um americano contemporâneo não é o mesmo “Mundo” de um asteca ou de um egípcio, e apesar dessas diferenças óbvias existe o aspecto universal dos rituais de Renovação e Retorno. O “Mundo” tem as pessoas X fazendo o que as pessoas X devem fazer (xamãs, sacerdotes, mulheres, etc.)

“Mundo” pode ser entendido como “mundo que se conhece e onde se vive”, logo existem diversos “Mundos”.

Exemplos de povos australianos: recriação de animais e plantas em pinturas rupestres equivalendo à recriação do mundo; comida (carne) enquanto experiência religiosa, onde as criações dos Entes foram comidas pela primeira vez por “ancestrais míticos” (heróis).

A Renovação traz o Mundo ao que era antes: “Este Mundo, porém, não é mais o Cosmo atemporal e inalterável em que viviam os Imortais. É um mundo vivo —

²como os gregos

habitado e usado por seres de carne e osso, submetidos à lei do vir-a-ser, da velhice e da morte. Por isso, ele requer uma reparação, uma renovação, um fortalecimento periódicos. Não se pode, contudo, renovar o Mundo senão repetindo o que os Imortais fizeram *in illo tempore*, renovando a criação. Eis por que o sacerdote reproduz o itinerário exemplar dos Imortais e repete os seus gestos e as suas palavras. O sacerdote, em suma, acaba por encarnar os Imortais.”

Se existe sempre um começo novo, sempre tem um “pré-começo” e o final do ciclo, do ano, é sempre análogo à pré-existência. Mesopotâmia tinha o “fim” como análogo ao Caos pré-existencial: “Lembremos, todavia, que a Criação do Mundo, na Mesopotâmia, era ritualmente repetida por ocasião das cerimônias do Ano Novo (...). Uma série de ritos reatualizava o combate de Marduk contra Tiamat (o Dragão que simboliza o Oceano primordial), a vitória do Deus e sua obra cosmogônica. O ‘Poema da Criação’ (*Enuma Elish*) era recitado no Templo. Como diz H. Frankfort ‘todo ano novo tinha um elemento essencial em comum com o primeiro dia em que o mundo foi criado ou em que foi desencadeado o ciclo das estações’. Mas, a uma observação mais atenta dos ritos do Ano Novo, percebemos que os mesopotâmicos sentiam que o começo estava organicamente ligado ao fim que o precedera, que esse ‘fim’ era da mesma natureza do ‘Caos’ anterior à Criação e que o Fim, por esse motivo, era indispensável a todos os novos começos.”³

Isso tem uma diferença para a tradição hebraica, onde o Ano Novo era “progressivamente historizado”: “Quanto ao enredo do Ano Novo hebraico, escreve Mowinkel que ‘uma das ideias dominantes era a entronização de Iavé como rei do mundo, a representação simbólica de sua vitória sobre seus inimigos, que eram simultaneamente as forças do caos e os inimigos históricos de Israel. O resultado dessa vitória era a renovação da criação, da eleição e da aliança — ideias e ritos das antigas festas da fertilidade, subjacentes à festa histórica’. Mais tarde, na escatologia dos profetas, a restauração de Israel por Iavé foi compreendida como uma Nova Criação, implicando uma espécie de retorno ao paraíso.”

Bem à frente no livro, no último capítulo, Eliade volta a tratar a questão do Tempo na tradição hebraica e, agora, cristã. “Todavia, embora o Tempo litúrgico seja um tempo circular, o cristianismo, herdeiro fiel do judaísmo, aceita o Tempo linear da história: o Mundo foi criado uma única vez e terá um único fim; a Encarnação teve lugar uma única vez, no Tempo histórico, e haverá um único Juízo.”

Na tradição hebraica, a historização do enredo da renovação aconteceu progressivamente. O ritual do Ano Novo, por exemplo, que significava passagem do Caos ao Cosmo, foi aplicado a eventos históricos, como a travessia do Mar Vermelho, a conquista de Canaã, o retorno do exílio, etc.

De qualquer forma, ainda que historicizada, o ponto é que diferentes formas de Renovação do Mundo e recuperação do princípio absoluto do povo existiam, tendo fim e começo implícitos um no outro, levando a ideia de começo/fim de ano para a origem do povo (o que também pode estar associado ao fato de fins de ano serem tradicionalmente épocas difíceis dadas condições climáticas, etc.).

Existe também a ideia de “perfeição dos primórdios”, de antes da existência⁴, fazendo o percorrer do ano ser um distanciamento da pureza primordial. Isso se reflete, de certa

³Jordan Peterson fala sobre a história dos mesopotâmicos com alguma frequência, sobre a tendência do Caos, representado por Tiamat, tomar conta ao longo do ano e o ritual ser feito para trazer as coisas de volta à ordem. O ritual serve para reviver Marduk e conter o caos tal como na história.

⁴que associa à existência humana uma angústia existencial

forma, nas idades dos patriarcas bíblicos, por exemplo. Quanto mais próximos do paraíso, mais próximos de Adão e Eva, mais eles viviam. Conforme o tempo passa e os humanos se distanciam de Deus, suas vidas iam encurtando. “A obsessão da beatitude dos primórdios exige a aniquilação de tudo o que existiu e que, portanto, degenerou após a criação do Mundo: é a única possibilidade de restaurar a perfeição inicial.”⁵

Existe também uma ideia de extensão do “Ano Novo” para um “Grande Ano Novo”, de proporção cósmica (renovando o Mundo como um todo). A perfeição no primórdio costumava ser acompanhada da ideia de que “para que algo de verdadeiramente novo possa ter início, é preciso que os restos e as ruínas do velho ciclo sejam completamente destruídos”. A ideia de purificação pelo fogo é similar a isso e, novamente, isso se sobrepõe ao fato de que fins de ano coincidiam com períodos de dificuldade, que deveria ser superada.

Escatologia e Cosmogonia

Ideia de fim como certeza de um novo começo, retorno ao “princípio amorfo”, principalmente por “entropia”, uma forma de “degradação progressiva do Cosmo” exigindo recriação/renovação, mas também como consequência da degradação humana, de seus pecados e seu afastamento de um ideal.

Mitos de Dilúvio são comuns e quase universalmente conhecidos, excepto pelas religiões desérticas por motivos óbvios. “Em grande número de mitos, o Dilúvio está relacionado a uma falha ritual, que provocou a cólera de um Ente Supremo; algumas vezes, resulta simplesmente da vontade de um Ente divino de acabar com a humanidade. Mas, ao examinar os mitos que anunciam o Dilúvio próximo, constatamos que uma das causas principais reside nos pecados dos homens, assim como na decrepitude do Mundo. O Dilúvio abriu o caminho para uma recriação do Mundo e, simultaneamente, para uma regeneração da humanidade. Em outros termos, o Fim do Mundo no passado, e aquele que terá lugar no futuro, representam a projeção gigantesca, em escala macrocósmica e com uma intensidade dramática excepcional, do sistema mítico-ritual da festa do Ano Novo.”

Mitos de Fim do Mundo enquanto “previsões do futuro” são raros, ao contrário de Fim do Mundo como algo antigo a ser reencenado. Exemplo: Andamaneses, que acreditava-se ser um dos povos com mito de Fim do Mundo futuro, mas diferentes versões e a ausência de tempo futuro na linguagem andamanesa torna difícil distinguir a natureza do mito.

Raro também a existência de mitos de Fim do Mundo que não tratem a recriação dele. Mesmo um como o de uma tribo das ilhas Carolinas, onde o Criador destruiria a humanidade pelos pecados cometidos, existe a possibilidade de nova criação implícita, porque deuses continuam existindo⁶.

Também é dado o exemplo dos Guaranis com uma “fadiga cósmica”, onde o mundo suplica pelo fim ao ter um desencantamento com a existência, que parece ser inevitável.

⁵Isso também pode ter a ver com a ideia de “burn the dead wood” do Jordan Peterson, que é essencialmente jogar fora as partes que se sabe ser inúteis/ruins e tentar se manter às boas, que é essencialmente uma ideia de regresso ao primórdio dos valores individuais.

⁶Pode-se traçar um paralelo com a crença mesopotâmica, onde um grande “fim do Mundo” com a morte dos dois deuses primordiais somente para os pedaços de Tiamat depois de morta formarem o mundo e o sangue de Kingu formar os homens

“Mais de uma vez os pajés, quando se encontravam em sonhos com Nanderuvuvu, ouviram a Terra implorar: ‘Já devorei muitos cadáveres, estou farta e exaurida. Pai, faz com que isso tenha fim!’ A água, por seu turno, suplica ao Criador que lhe conceda o repouso e a afaste de toda agitação, assim como as árvores (...) e a natureza inteira”⁷.

Culturas de caçadores, como esquimós, frequentemente têm a ideia de ressurreição a partir dos ossos. Todas com a catástrofe final sendo consequência da “velhice” (falta de renovação) e decrepitude ⁸.

Velhice frequentemente é interpretada dessa forma, ocorrendo também no meio dos cherokees por exemplo.

Uma “pureza” anterior à existência humana enquanto conhecemos sempre foi constante. Degradação levando a uma velhice precoce (homens vivendo menos, por exemplo). A degradação também leva a uma ruptura que inicia um novo ciclo. Em algumas religiões, o homem tem papel ritualístico nisso, como visto antes, mas em outras, como algumas indianas, não.

Essa ideia de os homens viverem mais quanto mais longes estão da degradação (quanto mais se distanciam da “perfeição do princípio”) aparece em tradições mesopotâmicas, onde personagens começavam com vida na casa de 10000 a 70000 anos, passando por dilúvios — com simbolismo explicado — e tendo reis pós-dilúvio na casa dos 1200 anos, egípcias, onde reis anteriores a Menes viviam muito e, claro, judaicas, com Abraão e Noé e tantos patriarcas vivendo centenas de anos.

Na Grécia, existiram duas tradições: doutrina cíclica nascida com Heráclito e influente no estoicismo; e a teoria de Idades do Mundo, mais associadas aos gregos, com Cronos reinando e um “paraíso” onde homens não envelheciam, se pareciam com deuses e viviam muito etc., que é derivada de Hesíodo. A de Hesíodo descreve uma degeneração progressiva ao longo das idades do mundo.

Platão e os estoicos partilhavam a doutrina cíclica, destoando sobre a “forma” (fogo ou dilúvio).

No judeu-cristianismo há destramento: só um fim do mundo, com o Cosmo seguinte de mesma natureza do Cosmo no Princípio dos Tempos (Gênese). Há linearidade irreversível no Tempo e não mais nos ciclos. O Fim do Mundo não é mais um retorno ou renovação, mas uma **seleção** daqueles que viveram em beatitude.

Há a ideia de degeneração ainda no presente. No cristianismo, a época imediatamente anterior ao Fim é o período do Anticristo, mas Cristo voltará para purificar **pelo fogo**. Segundo Efrém da Síria, “O mar bramará e depois secará, o céu e a terra serão dissolvidos, e por toda parte se estenderão o fumo e as trevas. Durante quarenta dias, o Senhor enviará o fogo sobre a terra para purificá-la da mácula do vício e do pecado”⁹.

Apesar da linearidade dos tempos, o período do Anticristo equivale ao retorno ao Caos pré-existência.

⁷Isso parece representar também uma resposta da própria religião ao cinismo que eventualmente surge com relação às crenças

⁸Isso ocorre também com Osíris e Set na mitologia egípcia. Osíris cria o estado egípcio e é uma figura heróica, porém ele é velho e escolhe ignorar problemas (cegueira voluntári), abrindo oportunidade para Set o capturar, somente para Hórus finalmente libertar seu pai Osíris

⁹A ideia de purificação pelo fogo se manifesta também no livro de Isaías, onde o profeta deve selar seus lábios com brasas para purificá-los, e na cultura seguinte a ideia continua se manifestando. Na Divina Comédia, Dante se joga no fogo como uma prova; em 2020 Bob Dylan lança “Black Rider”, com a mesma ideia do livro de Isaías

Eliade destaca que houve “períodos históricos particularmente trágicos” que foram vistos como volta do Anticristo, mas eles sempre trouxeram junto a esperança da volta de Cristo ¹⁰.

Depois do surgimento do Islã e especialmente após o século XI, começaram a aparecer movimentos escatológicos direcionados contra a Igreja, e com o aparecimento de figuras como Lutero, o “motif” religiosos de o Mundo estar abominável, injusto, etc., foi recriado e a decomposição e o fim dele passou a ser vista com bons olhos, porque o Paraíso seria reconquistado. Mas hoje em dia a escatologia está praticamente sumida nas doutrinas cristãs ¹¹.

Em culturas “primitivas” (tribos pequenas na Oceania ou na África frequentemente antibrancos e anticristãos) existe também elementos escatológicos do Cristianismo, provavelmente devido ao contato. A “conquista do Paraíso” é sempre precedida de catástrofes cósmicas (terremotos, chuvas de fogo, etc.) ¹².

Sobre milenarismos primitivos:

- milenarismo como “continuação espiritual” do mito de renovação periódica do Mundo;
- influência da escatologia cristã, direta ou indiretamente;
- anti-ocidentalismo ainda que haja atração aos valores religiosos e educacionais de brancos;
- existência de fortes personalidade como profetas com alguma forma de influência política ¹³;
- o millenium (a mudança radical cataclísmica) é iminente e acontecerá por meio de cataclismos cósmicos ou históricos.

Obviamente há caráter social, econômico e político nesses milenarismos primitivos, mas fundamentalmente são *religiosos*. Isso está presente também no nazismo e no comunismo, que reviveram o milenarismo com a ideia de um cataclisma entre Povos Escolhidos (arianos ou proletários) contra hostes do mal (judeus ou burgueses). Eliade cita Norman Cohn, um estudioso dos paralelos entre comunismo e nazismo ¹⁴.

O “profeta”, ou a personalidade chave, sempre proclamava um iminente “retorno às origens”, tal como o líder político soviético ou nazista, com o estado paradisíaco inicial romantizado sendo a situação econômica social anterior aos “hostes do mal”. Precisamente da mesma forma das tribos africanas e da Oceania, que idealizavam a situação dos povos antes da chegada dos brancos.

Em paralelo, Eliade comenta um pouco das artes. As artes passaram no começo do século XX por um momento de “destruição da linguagem”, na pintura, nas artes

¹⁰É possível traçar paralelos com a torre de Babel, sobre as coisas se deteriorarem por causa de ordem excessiva e corrupção que surge inevitavelmente em estruturas estabelecidas. Esses eventos históricos trágicos ainda seguem esse padrão

¹¹Bishop Barron comenta sobre a geração de padres “paz e amor”

¹²A ideia de chegar ao paraíso por meio disso é um motif também na cultura popular. Novamente dando exemplo de Bob Dylan em 2020, “Crossing the Rubicon” fala exatamente sobre isso, onde o narrador fica entre o Céu e o Inferno, atravessa o Rubicão e inicia a Guerra de unificação de Roma

¹³que diferencia um tanto para o foco individual do Cristianismo

¹⁴Rosenberg, influente no nazismo, associava judeus ao anticristo

plásticas no geral (dadaísmo), na poesia (poesia concreta, modernista, etc.), literatura (modernismo), na música (Segunda Escola de Viena e a sua influência).

O artista pega toda a história que veio até ele e faz uma regressão ao Caos ¹⁵. Artistas podem ser vistos como motores criativos da civilização, representando até mesmo o Fim do Mundo e coincidindo com os momentos históricos de ascensão de comunistas e nazistas (que tinham profunda relação com arte).

O Tempo Pode Ser Dominado

A escatologia não é intrinsecamente pessimista porque implica renovação, seja de uma forma cíclica ou linear como a judaico-cristã.

A psicanálise e Freud podem ser interpretados como uma ideia individual da cosmogonia, trazendo as ideias presentes em povos e culturas para o nível individual em, por exemplo, a ideia de retorno à infância de Freud, um retorno aos primórdios individuais ¹⁶.

Em termos mitológicos, a psicanálise trata o “primordial humano” como a “primeira infância”, onde a criança vive num tempo paradisíaco e vai se corrompendo. O retorno ao começo, a Renovação, é de certa forma o retorno à infância, à beatitude individual ¹⁷.

Duas ideias centrais freudianas: a beatitude do estado cosmogônico (mais simbólico que literal) e a ideia de recordar, reviver, “voltar atrás” em incidentes traumáticos (rupturas) como uma forma de Renovação. No primeiro ponto, Freud descobriu a função da primeira infância, da beatitude individual, enquanto “tempo primordial e paradisíaco”, como em estruturas mitológicas. No segundo, há uma analogia à Renovação e aos ritos de Renovação, com a possibilidade de um retorno individual ao Tempo de origem individual.

Eliade apesar disso *não* tem intenção de comparar psicanálise om crenças “primitivas”.

Rituais de adolescência para transformar a pessoa para ela renascer como adulta fazem o paralelo com Freud fazer sentido. Em sociedades primitivas, os rituais existem em formatos como reclusão do neófito em um terreno identificado como o útero da Mãe Terra, onde acontece um *regressus ad uterum*, que é uma regressão ao Caos anterior à Criação.

Exemplos de mitos de heróis que regressam em carne em osso são dados, em especial dois: um herói sendo tragado por um monstro do mar e emergindo vitorioso do ventre do monstro; e a travessia perigosa a uma caverna ou greta similar ao útero da Mãe-Terra — *vagina dentata*. Renascimentos espirituais imitando o do herói, e não nascimentos biológicos de fato. Os simbolismos são iguais em diferentes mitos de retorno, mas em contextos e “planos” diferentes.

O processo alquímico onde o alquimista deve reintegrar o Céu e a Terra ao Caos pré-existência. “Durante a fusão dos metais, o alquimista taoísta procura operar em

¹⁵ Isso explica os grandes gênios do free jazz serem sempre profundos conhecedores da música

¹⁶ Jung também desenvolve isso com a ideia do inconsciente coletivo que revive tradição de milênios ainda que em uma pessoa que as desconheça

¹⁷ Isso trata a infância como uma origem pura, e o afastar dessa beatitude individual é tratado de maneira natural, tal qual a degradação dos homens, e coisas como fases violentas das crianças não são vistas por uma visão rousseauiana de que as crianças são corrompidas pelo mundo, mas pela degradação natural humana

seu próprio corpo a ao de dois princípios cosmológicos, Céu e Terra, para reintegrar a situação caótica primordial, que existia antes da criação. Essa situação primordial, que, ademais, é expressamente denominada estado ‘caótico’ (*houen*), correspondente tanto ao ovo ou embrião quanto ao estado paradisíaco e inconsistente do mundo incriado. O taoísta procura obter esse estado primordial quer por meio da meditação que acompanha a experimentação alquímica, quer mediante a ‘respiração embrionária’. Mas a ‘respiração embrionária’ reduz-se, em última instância, àquilo que os textos denominam de ‘unificação dos alentos’, técnica assaz complexa (...).”

A ideia de Karma e regressão ao não-Tempo pré-existencial pelos caminhos de Buda, “rei dos médicos”, se libertando de amarras do karma introduz uma ideia de curar-se das amarras dos tempos, uma espécie de transcendência ao tempo.

Regressão ao não-Tempo como um caminho contra-corrente (paralelo ao retorno à infância) até uma Unidade primordial. A criação do universo por Shiva também propõe algo nessas linhas: “A Shivasamhitâ propõe um exercício espiritual bastante significativo: depois de haver descrito a criação do Universo por Shiva, o texto descreve o processo inverso de reabsorção cósmica, tal qual deve ser *vivido, experimentado*, pelo iogue. Este vê como o elemento Terra se torna ‘sutil’ e se dissolve no elemento Água e como a Água se dissolve no Fogo, o Fogo no Ar, o Ar no Éter, etc., até que tudo se reabsorve no Grande Brahman. O iogue assiste ao *processo inverso da Criação*, ele ‘volta atrás’ até a ‘origem’. Pode-se comparar esse exercício iogue à técnica taoísta de ‘retornar ao ovo’ e ao Grande Um primordial.”

Em suma, Freud e a psicanálise trouxeram à modernidade o mecanismo “arcaico” de retorno à origem.

Dois casos principais de “voltar atrás”: reviver a experiência original e reintegração ao Caos ou momento imediatamente anterior à cosmogonia; retorno progressivo remontando no Tempo. O segundo, mais tratado no capítulo, envolve “rememoração meticulosa” de eventos pessoais ou históricos, “queimar” recordações ao revivê-las, por meio dessa rememoração até detalhes insignificantes (Freud) que permite dominar o passado.

A ideia de “dominar o passado” essencialmente acontece por meio da rememoração. Assim como em uma sociedade “tradicional” não se realiza nenhum ritual sem conhecer a origem daquele ritual, não se domina o próprio passado sem rememorar-lo. “Devemos, contudo, precisar desde já que a memória é considerada o conhecimento por excelência. Aquele que é capaz de recordar dispõe de uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquele que conhece a origem das coisas”.

Mitologia, Ontologia, História

O *homo religiosus* (termo do Eliade) necessariamente acredita que o essencial precede a existência, que começa em nível individual no momento em que a história primordial é recebida.

O essencial é sempre anterior ao contexto “real” e palpável, sempre há uma pré-existência paradisíaca de uma forma ou de outra (por exemplo: imortalidade e pureza anterior; mortalidade e falha/pecado posterior). A transição entre a pré-existência perfeita e a existência falha costuma ser dada por uma fraqueza de um Ente Sobrenatural

O essencial pode variar em termos narrativos, mas em algum nível têm sobreposição.

É comum o Deus supremo, responsável pela pré-existência e existência, ser um personagem de pouca história que passa para um herdeiro a tarefa de efetivamente concluir a criação¹⁹. Frequentemente essa entidade é “esquecida”, senão em momentos de doença.

Exemplos de crenças de tribos que possuem isso: Gyriamas da África Oriental (“Deus está no alto, mas meus males estão embaixo!”); Bantos (“Deus, depois de haver criado o homem, não se preocupa mais com ele”; Negrilhos (“Deus se distanciou de nós”)²⁰.

Paralelos com a Morte de Deus de Nietzsche: Deus se afasta até o esquecimento e, dentro do contexto religioso, isso é levado em conta ao amalgamar o Ente Supremo a outros, com outros rituais que fazem referência à criação do mundo, que foi vista nos mitos cosmogônicos.

“Eclipse de Deus” não é algo necessariamente moderno, mas trabalhado por religiões antigas. O Dissolvimento do Ente Supremo sempre serviu de pretexto para negligência e indiferença²¹, e rituais como os de momento de crise ou os de último recurso servem também para alertar isso²². O esquecimento no nível “consciente” acontece com a sobrevivência dele no nível “inconsciente”²³.

“(…) a discussão desse problema nos afastaria muito do nosso propósito. Diremos apenas que a sobrevivência de um Ente Supremo nos símbolos ou nas experiências extáticas individuais não é destituída de consequências para a história religiosa da humanidade arcaica. Basta algumas vezes uma experiência similar ou a meditação prolongada sobre um dos símbolos celestes para que uma forte personalidade religiosa redescubra o Ente Supremo.”

Para culturas primitivas que passam pelo esquecimento de Deus, ou do “essencial”:

1. Deus criou o Mundo, o homem e foi para os céus;
2. o afastamento se acompanha de uma ruptura na comunicação entre Céu e Terra (entropia);
3. esse *deus otiosus* é substituído por divindades mais próximas do homem;
4. quando ele não é esquecido, ele é lembrado por rituais o exaltando por ter criado também os meios de homens sobreviverem.

Ainda há o caso do deus assassinado. “Contrariamente à ‘morte’ do *deus otiosus*, que apenas deixa um vazio rapidamente preenchido por outras Figuras religiosas, a morte violenta dessas divindades é *criadora*. Algo de muito importante para a existência humana

¹⁸Observar que a existência só acontece quando há falha, imperfeição e sofrimento

¹⁹Exemplo: criar o Mundo enquanto “ambiente” mas deixar a existência do homem para o herdeiro — Marduk em contraposição a Tiamat e Apsu

²⁰Reiterando a ideia de que o Mundo da Entidade é diferente do Mundo dos homens, mas os rituais cosmogônicos tentam trazer o Mundo impuro e humano ao Mundo pré-existencial pela renovação e limpeza de impurezas

²¹que em seus casos extremos são o surgimento da justificativa para o niilismo

²²“Não existe ateu em avião caindo” como uma ideia já tratada por religiões antigas mas com uma arquitetura filosófica por trás

²³Isso explica bem rituais supostamente seculares frequentemente se assemelharem com religiões

surge em decorrência de sua morte. Mais ainda: essa criação participa da substância da divindade assassinada e, conseqüentemente, prolonga de algum modo a sua existência.” Eliade também aponta que as divindades assassinadas não são esquecidas, ainda que detalhes de seu mito possam ficar para trás²⁴.

Uma peculiaridade dessas divindades é que elas “não são cosmogônicas; apareceram sobre a Terra após a Criação e nela não permaneceram por muito tempo; assassinadas pelos homens, não se vingaram e sequer guardam rancor contra seus assassinos; ao contrário, mostraram-lhes como tirar proveito de sua morte.”

Divindades assassinadas por ancestrais na mitologia também podem representar algo inesquecível porque a morte deles trouxe algum conhecimento essencial, e possibilita a existência humana.

Em resumo:

1. um Ente Sobrenatural mata os homens a fim de os iniciar;
2. os homens se vingam sem entender o sentido dessa morte
3. após adquirir o conhecimento, os homens fazem cerimônias relacionadas com o drama;
4. o Ente Sobrenatural presencia a cerimônia por meio de um objeto sagrado representando seu corpo ou voz.

O essencial está no assassinato primordial, e a rememoração disso em eventos ritualísticos ocorre porque o esquecimento de eventos divinos primordiais é uma espécie de pecado, e o sacrifício animal (ou humano) para consumo segue a ideia de rememoração. Canibalismo também tem essa ideia por trás, de que se ingere a essência da divindade de alguma forma.

O essencial não é decidido na criação do mundo, mas depois, em algum momento da época mítica. Esses momentos são definidos por mitos de origem.

Marduk foi criador do Mundo enquanto conhecemos, mas não do Mundo anterior a isso, onde Anu, Nudimmud-Ea, Lahmu, Lahamul, Enlil e tantos outros existiam. Seu mito é, de certa forma, também um mito de origem em vez de cosmogônico²⁵.

A “passividade” de Deuses sempre termina se transformando em alguma forma de impotência desses deuses sobre o Mundo. O deus esquecido não é centro das representações nem tem tanto poder (como Urano para os gregos), incapaz de intervir. Eliade chama isso de “mitos patéticos”.

Os mitos patéticos ainda têm alguma significância para o povo, sendo retratados em cerimônias (colheita, por exemplo) ou como o nascimento de alguma instituição religiosa.

O começo da “desmitificação” se deu com a busca pelo essencial não nas histórias divinas, mas em uma “situação primordial” que precedeu a história. A especulação

²⁴Não é exatamente o caso, mas Marduk cria imagens dos demônios do exército de Tiamat que mata para que eles não sejam esquecidos. Não se encaixa porque Marduk não é um homem, mas a ideia de memorização daqueles destruídos se manifesta nessa história

²⁵O Enuma Elish é cosmogônico até a história de Marduk criando o Mundo, onde já é um mito de origem

filosófica transformou mitos cosmogônicos em problemas ontológicos. Apesar disso, o surgimento do pensamento filosófico rigoroso não aboliu o pensamento mítico.

Mitologia de Memória e do Esquecimento

O esquecimento costuma simbolizar um distanciamento da moral absoluta. Em um poema iogue chamado *Gorakshavijaya*, da Idade Média indiana, o tema é tratado pela paixão de um Mestre a uma rainha. Na história, Matsyendranath se apaixonou por uma Rainha e foi para seu palácio, esquecendo totalmente a sua identidade. Seu corpo foi guardado por um discípulo e seu espírito foi para o cadáver de um rei que acabava de morrer, o fazendo voltar à vida.

Seu discípulo percebe que ele está condenado à morte e em um cativo e, então, *desce* ao reno de uma Entidade, examina o livro do destino, e lá encontra a página que descreve a situação de seu mestre e a corrige. Pouco a pouco, seu mestre passa a lembrar de sua identidade verdadeira, e entende que o caminho “carnal” o leva até a morte e que sua amnésia era o esquecimento da “natureza imortal”.

A história se resume a

1. o Mestre espiritual se apaixona e é feito prisioneiro por mulheres;
2. esse amor físico faz o Mestre acabar em alguma forma de amnésia;
3. o discípulo o encontra e por rituais o faz reencontrar a memória;
4. o “esquecimento” é como se fosse a morte, e o “despertar” é a condição para a “imortalidade”.

Em religiões antigas da Índia, o esquecimento acontece somente com deuses que “caem do Céu”, e o esquecimento é análogo ao “sono” ou à perda de si mesmo²⁶, ou à desorientação cega. É dado um exemplo de um mito sobre um homem vendado e largado em um local desconhecido, que se afoga em questionamentos sobre a vida e o futuro (estava completamente distanciado de sua vida como a conhecia), até encontrar de volta o caminho por meio do diálogo e questionamento (as “vendas” simbólicas e o encontro com o próprio Ser, com a Verdade individual)²⁷.

A memória perfeita é equivalente à capacidade de rememorar, e é uma virtude, ou ao menos uma maneira de não se distanciar do povo.

Na Grécia, Mnemósine é a mãe de todas as musas e também a personificação da Memória. As musas têm conhecimento de toda a memória, dos primórdios ao fim (segundo Hesíodo) por causa da mãe. A memória primordial grega acontece com o acesso do poeta ao Tempo mítico, devido a ter sido agraciado pelas musas. É como se ele vivesse num mundo à parte, e o trabalho do poeta se assemelha a uma evocação de mortos do passado.

A mitologia do Rio Letes mostra algo assim. Os mortos são aqueles que perderam a memória. Ao se voltar à terra em uma encarnação, o Letes também tem participação, tirando memórias do mundo celeste. A alma que “teve imprudência de beber do rio

²⁶Em cultura contemporânea, Zidane no videogame Final Fantasy IX ao regressar para sua terra de origem, Terra

²⁷Carl Rogers fala sobre a verdade e o diálogo verdadeiro como terapêuticos em si

Letes”, como Eliade coloca, reencarna, mas não necessariamente esquece: Pitágoras e Empédocles afirmavam lembrar de vidas passadas, sugerindo que ter memórias do mundo celeste os tornava homens maiores²⁸. O rio Letes se encontra numa bifurcação onde ele está à esquerda. À direita, tem-se a nascente do lago de Mnemósine.

É como se existisse uma igualdade entre recuperar memórias primordiais (ou de vidas passadas) e superar a morte.

Thanos e Hipnos (morte e sono) como irmãos é um “motif” mítico de o sono ser uma espécie de distanciamento, logo fazendo se aproximar da morte cultural e, consequentemente, a morte em si.

“Vitória sobre o sono e a vigília prolongada constituem uma prova iniciatória bastante típica”. Gilgámesh buscou a imortalidade por Utnapishtin e falhou o desafio de ficar acordado por seis dias e seis noites. “Não dormir não significa somente triunfar sobre a fadiga física, mas sobretudo provas de força espiritual.”

É dado o exemplo bíblico sobre a vigília e não dormir. No evangelho de Mateus, Jesus insistia na vigilância, “Minha alma está profundamente triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo”. Mas, seus discípulos caíram no sono, “porque os seus olhos estavam pesados”. A “vigília iniciatória” estava além das forças humanas.

A historiografia é uma maneira de rememoração para não se esquecer as façanhas dos homens com o tempo, mas também é influenciada por uma óptica religiosa, sendo o melhor exemplo dos israelitas, que gravavam as narrativas históricas com objetivo de provar a existência de um plano divino. Pode também ser vista como um vir-a-ser, como para os gregos, mostrando nascimento, crescimento, degeneração e fim de sociedades.

Grandeza e Decadência dos Mitos

“É através da experiência do sagrado que despontam as ideias de realidade, verdade e significado que serão ulteriormente elaboradas e sistematizadas pelas especulações metafísicas.”
“A rememoração e a reatualização do evento primordial ajudam o homem ‘primitivo’ a reter o real.”

A repetição dos rituais não configura algo como “eterna repetição da mesma coisa”, apenas pega o mito e aplica a novas situações. A compreensão do mundo é feita por observação de padrões²⁹ e o Mundo não é meramente um conjunto de objetos juntos, mas algo que se manifesta, um “Cosmo articulado”, e o símbolo é a linguagem de comunicação entre o homem e o mundo.

“O homem das sociedades nas quais o mito é uma coisa vivente vive num mundo ‘aberto’, embora ‘cifrado’ e misterioso. O Mundo ‘fala’ ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos.”

Mitos não são algo sobre bondade ou moral, mas sobre visão de mundo. Concepções ruins/negativas/trágicas da existência terminavam em ritos envolvendo torturas, canibalismo, orgias, etc.. “O mito em si mesmo não é uma garantia de ‘bondade’ (...). Sua função consiste em revelar os modelos e fornecer assim uma significação ao Mundo e à existência humana.”

²⁸Mas com o constante fardo de lembrar de um mundo ideal completamente distante do real

²⁹Como Marduk observando com “olhos que tudo vêem”

Os mitos são sempre recitados por indivíduos “tocados” pelos grandes mestres, com profunda imaginação ou capacidade intelectual/literária ou mnemônica, que conseguem associar mitos e variantes aos eventos. Essas associações renovam o mito e a sua aplicabilidade³⁰.

A Grécia passou por críticas racionalistas a Homero, sobre as decisões “arbitrárias” de deuses e a dicotomia entre um Deus “ideal” (justo, moral, verdadeiro, “bom”) e os deuses vingativos, ciumentos, ignorantes. Eliade descreve então o crescimento do pensamento racionalista e a crítica aos mitos vindas por Xenófanes e Eurípedes.

A interpretação das histórias como repletas de “significações ocultas” e a alegoria romana (não poderia ser grega, por não ser popular na Grécia) “salvou” Homero e Hesíodo das elites helênicas e romanas. “Os mitos, entretanto, não eram mais compreendidos literalmente: procurava-se neles agora ‘significações ocultas’, ‘subentendidos’ (...). Teágenes de Rhegium já havia sugerido que, em Homero, os nomes dos deuses representavam quer as faculdades humanas, quer os elementos naturais. Mas foram sobretudo os estóicos que desenvolveram a interpretação alegórica da mitologia homérica e, em geral, de todas as tradições religiosas.”

Outra ideia que surgiu foi de os deuses representarem figuras históricas que com o tempo foram mitificadas: “(...) Aí estava mais uma possibilidade ‘racional’ de conservar os deuses de Homero. Esses deuses tinham agora uma ‘realidade’: realidade de ordem histórica (mais precisamente, pré-histórica); seus mitos representavam a reminiscência confusa, ou transfigurada pela imaginação dos gestos dos reis primitivos.”

A Renascença e a curiosidade científica foram responsáveis por salvar a cultura grega para o futuro.

“(...) uma mitologia secularizada e um panteão evemerizado puderam sobreviver e se converteram, a partir da Renascença, em objeto de investigação científica, e isso porque a Antiguidade agonizante não mais acreditava nos deuses de Homero nem no sentido original de seus mitos. (...) Em última análise, a herança clássica foi ‘salva’ pelos poetas, pelos artistas e filósofos. Desde o fim da Antiguidade — quando não eram mais tomados ao pé da letra por nenhuma pessoa culta — os deuses e seus mitos foram transmitidos à Renascença e ao século XVII pelas obras, pelas criações literárias e artísticas.”

A *cultura* dessacralizou um universo religioso inteiro e usou isso na civilização ocidental, especialmente por causa do desenvolvimento da tradição escrita, e os mitos gregos representam de certa forma o triunfo da literatura sobre a crença ³¹.

“(...) se a religião e a mitologia gregas, radicalmente secularizadas e desmitificadas, sobreviveram na cultura européia, foi justamente por terem sido expressas através de obras-primas literárias e artísticas”. “(...) a história da cultura tomará em consideração apenas os documentos arqueológicos e os textos escritos. Um povo desprovido dessa espécie de documentos é considerado um povo sem história.”

Sobrevivência e Camuflagem dos Mitos

O Cristianismo adotou o sentido de “mito” como algo falso, como os racionalistas, e então passaram muito tempo tentando contrapor filósofos pagãos ou gnósticos. Dito isso,

³⁰Pessoas criativas e “fora da caixinha” são importantes, e o mundo não deve ser reduzido a meros fatos, um “mundo de objetos”

³¹E de certa forma o fato de termos como textos “históricos” e não religiosos indica isso

o Cristianismo não escapa do pensamento mítico nem que no sentido introduzido no livro no primeiro capítulo, ainda que as relações com ele sejam complexas.

Existe também o problema das testemunhas usadas para fundamentar a historicidade de Jesus. Não se duvida da existência de Jesus, mas pouco se sabe com certeza de sua vida³², assumindo que os Evangelhos tenham relatos “mitológicos” (no sentido “cristão” de algo que não pode existir).

Existem duas “correntes” que tratam esse problema (ambas fora do Cristianismo tradicional), uma rejeitando a historicidade de Jesus e uma que postula Cristo. Essencialmente, os primeiros postulam que os primeiros cristãos historicizaram eventos que acabaram formando a figura de Jesus e os segundos postulam que existe um personagem histórico do qual não se sabe muito e, em última análise, não se precisa saber. Diversas construções modernas tentaram, por caminhos diferentes, chegar ao mito original cristão, e refletem uma “nostalgia do homem moderno pelo primordial mítico” (e Eliade cita alguns). Frequentemente, obviamente, essas construções chegam a caminhos diferentes.

Por último, o terceiro problema é a reconciliação do Cristianismo, que rejeita o *mythos* não-sacro de períodos como o helenístico, com o pensamento mítico que é mais antigo e presente em diversas culturas.

Eliade foca bastante em Orígenes, que entendeu, segundo ele, a diferença entre Tempo histórico e Tempo cósmico que foi discutida antes no livro, e que a originalidade religiosa do Cristianismo se dava pelo fato de Cristo ter acontecido no histórico e não no cósmico. Apesar disso, ele também entende que não é meramente uma questão histórica.

“Orígenes acredita, não obstante, que certos eventos da vida de Jesus são suficientemente provados por testemunhos históricos. Por exemplo, Jesus foi crucificado perante um grande número de pessoas. O tremor de terra e as trevas podem ser confirmados pelo relato histórico de Phlegon de Tralles. A Última Ceia é um acontecimento histórico que pode ser datado com absoluta precisão”. “Embora Orígenes não duvide da historicidade da vida, paixão e ressurreição de Jesus Cristo, ele se interessa mais pelo sentido espiritual, não-histórico, do texto evangélico. O verdadeiro sentido está ‘além da história.’”

A ideia é considerar Cristo não apenas uma figura histórica como também o Filho de Deus, e o Salvador que redime o Homem, mas transcendendo sua historicidade com a sua Ascensão ao Céu. O drama de Cristo possibilita a salvação e a repetição dele pela imitação de Cristo é um comportamento mítico, uma encenação dos primórdios. “Todavia, embora o Tempo litúrgico seja um tempo particular, o cristianismo, herdeiro fiel do judaísmo, aceita o tempo linear da História: o Mundo foi criado uma única vez e terá um único fim; a Encarnação teve lugar uma única vez, no Tempo histórico, e haverá um único Juízo.”³³

A compreensão cristã do tempo é herdada do judaísmo, brevemente tratado no capítulo

³²Uma espécie de salto de fé se torna necessária para os cristãos

³³Sobre Orígenes, de acordo com Bishop Barron do The Word on Fire Show (mais especificamente episódio 213): Orígenes era egípcio, com o nome significando “nascido de Hórus”), e conhecia a Bíblia “provavelmente mais do que qualquer um do mundo antigo”; tem um background “neoplatônico”; inaugura a tradição de sintetizar filosofias da época ao Cristianismo e, por isso, influencia gente como São Tomás de Aquino, que fez o mesmo com Aristóteles; foi responsável por comentários bíblicos profundamente influentes sobre Santo Agostinho. É autoevidente que teólogos conciliam filosofias com o Cristianismo, mas isso começou com Orígenes. Orígenes também tinha algumas controvérsias como, entre outras, acreditar em uma hierarquia da Santíssima Trindade e que, com o tempo, todos são salvos após a morte.

3. Mas houve também influências pagãs e gnósticas³⁴, e a reação da Igreja é de combater o gnosticismo ainda que mantenha o que existe de acordo com seus princípios (gnosticismos do Evangelho de João, por exemplo). O judaísmo não deu somente a interpretação do tempo ao Cristianismo, mas também a historização, que foi discutida anteriormente: “Quanto ao enredo do Ano Novo hebraico, escreve Mowinckel que ‘uma das ideias dominantes era a entronização de Iavé como rei do mundo, a representação simbólica de sua vitória sobre seus inimigos, que eram simultaneamente as forças do caos e os inimigos históricos de Israel. O resultado dessa vitória era a renovação da criação, da eleição e da aliança — ideias e ritos das antigas festas da fertilidade, subjacentes à festa histórica’. Mais tarde, na escatologia dos profetas, a restauração de Israel por Iavé foi compreendida como uma Nova Criação, implicando uma espécie de retorno ao Paraíso.”. Essa historização permite maneiras de se interpretar as Escrituras, unindo o drama de Cristo à História Sagrada do povo de Israel.

Missionários cristãos na Europa Central entraram em contato com religiões pagãs e, de certa forma, acabaram “cristianizando” essas religiões. Mitos sobre heróis e dragões se transformaram em São Jorge, por exemplo. A Igreja Católica e a Ortodoxa “aceitam” algum nível de elementos pagãos, muito porque os camponeses não tinham ligação com o Cristianismo “histórico” ou moral, mas poderiam e demonstravam interesse no aspecto “cósmico” dele, expresso na liturgia. Assim, a adoção de elementos cristãos não paganizou o Cristianismo, mas cristianizou o paganismo. A narrativa maior ainda era pagã, mas dessa vez com elementos cristãos.

Cristo não é visto como somente a figura central da salvação do homem, mas também uma espécie de figura folclórica. Eliade acrescenta: “Mas é preciso frisar que o cristianismo cósmico das populações rurais é dominado pela nostalgia de uma Natureza santificada pela presença de Jesus. Nostalgia do Paraíso, desejo de reencontrar uma Natureza transfigurada e invulnerável, ao abrigo das subversões produzidas pelas guerras, as devastações e as conquistas. É também a expressão do ‘ideal’ das sociedades agrícolas, continuamente aterrorizadas por hordas de guerreiros alógenos e explorados por diferentes classes de ‘senhores’ mais ou menos autóctones. É uma revolta passiva contra a tragédia e a injustiça da História, contra o fato, em suma, de que o mal não se revela mais unicamente como decisão individual, mas sobretudo como uma estrutura transpessoal do mundo histórico”.

Mitologia na Idade Média voltou a se manifestar no pensamento nas classes sociais em “mitos de origem” para artesãos, cavalaria, camponeses, etc. a fim de se imitar o modelo exemplar de cada uma delas. A manifestação mais notável desse ressurgimento do pensamento mítico foi vista nas Cruzadas.

As Cruzadas tinham orientação escatológica (citando Alphonse Dupront: “No centro de uma consciência de cruzada, entre os clérigos como entre os não-clérigos, há o dever de libertar Jerusalém (...) O que mais fortemente se exprime na cruzada, é a dupla plenitude da consumação dos tempos e da consumação do espaço humano. No sentido, para o espaço, de que o sinal da consumação dos tempos é a reunião das nações em torno da cidade sagrada e mãe, centro do mundo, Jerusalém”). O fenômeno espiritual coletivo é perceptível nas cruzadas infantis, que, “fora de dúvida”, foram **espontâneas**. Crianças pobres, praticamente “pequenos pastores”, foram formando grupos espontaneamente e,

³⁴Orígenes, de certa forma, sendo um bom exemplo

cantando, iam “para Deus”. Reinier, cronista contemporâneo, dizia que elas tinham objetivo de “atravessar o mar e fazer o que os reis e poderosos não haviam feito: retomar o sepulcro de Cristo”. A Igreja no geral se opôs a esse movimento por se tratar de crianças, e o próprio Papa fez com que os cruzados infantis retrocedessem, nas palavras de Reinier “famintos e descalços, um a um em silêncio”. Outra crônica da época contava uma história de 1212, e um menino chamado Nicolau: “arregimentou em torno de si uma multidão de crianças e mulheres. Ele afirmava que, por ordem de um anjo, deveria conduzi-los a Jerusalém para libertar a cruz do Senhor e que o mar, como outrora o povo de Israel, os deixava passar a pé enxuto”. A maioria desses cruzados foi dizimada — e estavam desarmados —, depois de serem obrigados a reconhecer, em Roma, que nenhuma autoridade dava apoio a eles.

Dupront argumentava que esses fenômenos são reiteraões de mitos de Figuras Inocentes, além da exaltação da criança por Cristo. “A reconquista de Lugares Santos não pode mais ser esperada senão por um milagre, e o milagre não pode mais produzir-se senão a favor dos mais puros, das crianças e dos pobres.”

O mito escatológico seguiu existindo, com a figura de Luís XIV, o Rei Sol, sendo profetizado como aquele que recuperaria a terra santa, expulsaria maomé.

Os “comportamentos míticos” continuam de alguma forma sobrevivendo no mundo moderno, mas não necessariamente como algo de uma civilização arcaica. E não é um processo em forma de ruptura, é algo contínuo. Por exemplo, a ideia de retorno às origens se manifestou na Reforma Protestante, que realizou um retorno à Bíblia, a Revolução Francesa “tomou como paradigmas romanos e espartanos”. A “origem” nesses eventos é algo com aura mágica. Romanos no século XIX e XVIII repetiam que “temos a nossa origem em Roma”. E isso é reconhecido no dito popular dito anteriormente de que “um povo sem história é como se não existisse”. A busca pela história do povo é uma busca pela origem ³⁵.

Mais recentemente, a ideia de provar “origem nobre” e resgatar esses valores se manifestou até, também em forma de mito, no arianismo. O “ariano” representa o ancestral primordial e heroico, o modelo exemplar a ser imitado. Também mais recente que outros exemplos é o que Marx fez, decorando uma narrativa antiga de Bem e Mal com um verniz simbólico quase religioso: o proletariado tendo um papel profético numa batalha análoga à de Cristo contra o Anticristo manifestado na burguesia. Ele pegou uma narrativa religiosa e trocou os personagens, ou os decorou com algo político, econômico e social.

Mitos ainda se manifestam em mídia de massa, e Eliade dá de exemplo as histórias em quadrinhos. Superman tem uma dualidade heróica-mundana, com o lado mundano tímido e o heróico ilimitado. O apelo seria mostrar a possibilidade de aquele que é mundano como Clark Kent também ter um herói em si. Romances policiais também

³⁵É possível fazer paralelos disso com Brasília. A cidade é extremamente recente, tem 60 anos de vida, e é incrivelmente morta. Ela não tem uma cultura própria, seus mitos próprios, sua história própria e, conseqüentemente, é como se não existisse. Isso se manifesta a todo momento na cidade, que é conhecida por ter prostitutas de luxo, políticos, e muitas suicidas, ao ponto de um shopping center ser conhecido por isso. Não existe uma “tradição brasiliense”, um “espírito brasiliense”, e isso se reflete no nihilismo da vida aqui. Pessoas vêm de todo canto do Brasil procurando estabilidade em concurso público somente para “nunca mais precisar trabalhar” e poder “aproveitar a vida”, mas depois de alguns anos com baladas semana sim semana não, a falta de significado e a pouca profundidade dessa vida começa a pesar

trazem a figura heróica à tona³⁶. Narrativas no geral tratam de heróis e heroísmo, por tragédias ou comédias (no sentido grego)³⁷.

A obsessão com “sucesso” na modernidade, que no fundo reflete desejo de transcender limites humanos, é mais uma manifestação disso.

Outras formas são a romantização e “retorno” aos subúrbios como retorno às origens³⁸, a “nostalgia ao primordial”³⁹. Eliade dá o exemplo de carros: “Comportamentos míticos poderiam ser reconhecidos (...) na intensidade afetiva que caracteriza o que se denominou de ‘culto do automóvel sagrado’. ‘basta visitar o salão anual do automóvel para nele reconhecer uma manifestação religiosa profundamente ritualizada. As cores, as luzes, a música, a presença das sacerdotisas do templo (manequins), a pompa e o esplendor, o esbanjamento do dinheiro, a multidão compacta — tudo isso representaria, em qualquer outra cultura, um ofício nitidamente litúrgico (...) Nenhum gnóstico aguardava com maior ansiedade a revelação de um oráculo, do que um adorador do automóvel aguarda os primeiros rumores sobre os novos modelos’.”⁴⁰

Eliade faz uma “tangente” sobre artistas e a audácia/provocação não ser mais prejudicial ao artista, mas até esperado e incentivado: “Ao contrário, pede-se que ele se amolde à sua imagem mítica, que seja estranho, irreduzível e que ‘produza algo de novo’. É o trínfo absoluto da revolução permanente na arte. ‘Tudo é permitido’ deixou de ser uma formulação adequada: qualquer inovação é considerada genial de antemão, e equiparada às inovações de um Van Gogh ou de um Picasso, mesmo que se trate de um cartaz mutilado ou de uma lata de sardinhas assinada pelo artista.” Não importa mais a estranheza, e o único medo é de não ter de admitir não ter reconhecido grandeza/importância em uma obra.

Existe uma dificuldade redentora em arte moderna, e Eliade dá de exemplo até a música atonal como um “mundo fechado”, que não se aprecia senão por superação de dificuldades⁴¹. Além disso, o público desse “mundo fechado” é como se passasse por uma “iniciação” para chegar a um “mundo oculto” onde se destrói linguagens artísticas⁴².

³⁶E, mesmo em situações ambíguas moralmente falando, a figura do herói tem apelo, inclusive quando falha, como Gilgamesh ao falhar o desafio de ficar seis dias acordado no mito mesopotâmico

³⁷Outros bons exemplos são filmes de superação. A narrativa da franquia de Rocky, por exemplo, é completamente baseada em uma superação. Em cada um dos filmes, Rocky Balboa só vai perdendo mais e mais da vida, seja ao ver o deterioramento de seu próprio corpo (Rocky II, de 1979, e Rocky Balboa, de 2006), de sua família e seu espírito (Rocky III, de 1982, Rocky V, de 1990) ou à perda de pessoas próximas e íntimas (Rocky III, Rocky IV de 1985, Rocky Balboa, e também Creed, de 2015) e, aos poucos, também seu motivo para viver. Os “vilões” podem ser meramente a natureza, a naturalidade das coisas, a existência em si (como no caso da morte de Adrien, esposa de Rocky, devida ao câncer) ou alguém que está realmente desmoralizando ou tiranizando a vida do personagem (caso de Clubber Lang e Ivan Drago). Os filmes podem ser simples em enredo, mas a narrativa inteira é uma iteração de ideias e mitos extremamente antigos

³⁸Visível com a popularização de hip-hop nos anos 90

³⁹Outros exemplos podem ser o veganismo ativista, o ambientalismo enquanto fenômeno social

⁴⁰Jordan Peterson também fala sobre o carro enquanto representante de muito mais do que meramente um veículo de deslocamento. O carro é também um símbolo de individualismo, pois dá o poder de se deslocar a qualquer momento para onde quiser, quando quiser

⁴¹A ideia bíblica de “lutar com Deus” presente na história de Jacó também indica que em nível individual deve existir uma espécie de questionamento a Deus, e não meramente aceitar as coisas de maneira cega, o que tem certa similaridade com essa “luta” com a arte que Eliade dá de exemplo, que desafia o espectador a todo momento

⁴²O avant-garde e o free jazz são excelentes exemplos disso. Por exemplo, Carla Bley apesar de ser

Essas experiências revolucionárias, quando autênticas, refletem uma espécie de crise espiritual dos tempos. E “elites” intelectuais encontram nisso um ritual, uma espécie de “gnose iniciatória” com a construção de um novo mundo a partir da destruição do antigo. “Somente os epígonos continuam destruindo furiosamente o que já está em ruínas”. Isso é um retorno ao “estado primordial” dos sons e, como em concepções de sociedades arcaicas, o caos é seguido por uma cosmogonia.

Na literatura, especialmente a literatura época, é fácil ver como o pensamento mítico predomina, dados os romances arquetípicos, as histórias mitológicas (ainda que frequentemente camufladas com forma “profana”), etc.. Mas o principal aspecto mostrando a natureza mítica na literatura é a saída do tempo mundano e a entrada no Tempo mitológico que acontece ao se engajar em atividade literária.

Comentários extra de quem faz as anotações

O pensamento mítico existe desde que existe a capacidade de criar narrativas, e está presente em literalmente todas as sociedades que já existiram. Não é possível se desvincilhar dele com facilidade, visto que até os dias de hoje ainda se manifestam mitos em coisas como a cultura popular. Apesar de ser impossível transcender o mito, é perfeitamente plausível usar mitos passados e de outras civilizações para entender e aprender o mundo, visto que as narrativas continuam significativas até milênios depois de suas criações, vide algo como a *Eneida* de Virgílio ou os poemas épicos de Homero. Como foi visto, existe também uma manifestação do mito no nível individual, ideia resgatada pela psicanálise. É possível ver a manifestação do pensamento mítico em sonhos, e psicólogos como Jung exploram essa ideia.

A visão “narrativa” do mundo, através de mitos, fábulas, histórias verdadeiras, é um contraponto à visão materialista e mecanicista, vazia de significado. Enquanto cresce mais e mais o vício material e a abundância de objetos, mais vazia a vida fica. Eliade aponta a visão “narrativa” como possivelmente a mais importante, o que é uma possibilidade real, porque ela que move pessoas a ações e explica a cosmologia do universo de maneira mais simples. A ciência não é “mais verdadeira” do que essas narrativas porque ela não se propõe a explicar os mesmos fenômenos. Sim, a existência de determinado fruto ou animal não acontece de maneira literal, científica, como os mitos de origem sugerem, mas a importância desses mitos não está no mundo literal, e sim no simbólico, que mantém a sociedade que partilha dele.

O contraponto entre ciência e mitos é algo extremamente recente, primeiro porque a ciência em si só nasceu no século XVI com Francis Bacon e depois com “cientistas” como Newton — que mais era um mago/alquimista que um cientista —, e também porque cientistas filosoficamente orientados já estão tratando assuntos além de suas capacidades há muito tempo. Apesar disso, um bom contra-exemplo é John Wheeler, físico professor

uma compositora com dificuldades de improviso foi influenciada pela cena do avant-garde no jazz, e por compositores como Stockhausen. A ideia dos primeiros artistas do free jazz era justamente destruir as regras que eram ditadas até ali, o que de certa forma cria uma nova regra: não seguir as tradicionais. John Coltrane em *Ascension*, seu álbum mais aclamado de free jazz, não deu regra absolutamente nenhuma para os músicos que não terminarem seus solos em ascensão, do mais grave para o mais agudo. Essa existência de poucas e tão não-usuais regras permite que seja feita música extremamente pouco usual aos ouvidos do público, que exigem “rituais de iniciação” para ser apreciada

de Richard Feynman e colaborador de Einstein que tem um livro chamado *The Light Behind Consciousness*. Wheeler não é um físico ignorável, com contribuições relevantes para a quântica, relativística e física geral, desenvolvendo conceitos que até hoje são utilizados e questionando pseudociência como a parapsicologia. O livro mencionado trata ideias como a necessidade de consciência para a existência. Em um mundo profundamente cientificista, isso é crime, ainda que feito por uma autoridade, e a definição científica de consciência não vai de acordo com a de Wheeler, e diz que a consciência é meramente epifenômeno.

Além disso, a ciência não se propõe a resolver questões morais, e é incapaz de fazê-lo. Se algum líder político definir por algum padrão moral que a destruição completa é um objetivo digno, a ciência vai dar essa resposta. Isso faz a visão “narrativa” do mundo habitar um ambiente diferente da ciência, fazendo um conflito entre ambas ser trivial. Como falei antes, é algo recente, e foi anunciado e explorado por filósofos como Kierkegaard e Nietzsche. Em determinado ponto da humanidade, a ciência teria avançado tanto e facilitado tanto a vida das pessoas, que a necessidade seria... de necessidades. Aí os mitos e as narrativas edificantes entram.

Na academia, a narrativa anti-científica é completamente jogada de lado, apesar de *poder* estar certa. Essa ideia é desenvolvida por Paul Feyerabend em *Against Method - Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge*, com eventos históricos onde o não-compromisso com o método científico acabou gerando avanços para o conhecimento da humanidade. Sim, existe uma narrativa anti-científica, mas o mero fato de ser anti-científica não tira validade dela, a não ser que sua proposta seja científica. Criticar a ciência também não é algo impossível de se fazer, assim como é possível criticar a narrativa mítica.

Se algo é para ser tirado da obra é que povos “primitivos” não são *burros*. Meramente só têm uma maneira diferente de observar o mundo, uma cosmologia diferente, e que frequentemente isso se sobrepõe com visões contemporâneas, como as narrativas modernas em quadrinhos, filmes, universos “fictícios” inteiros, que não deixam de ter valor por serem “fictícios”.